

PARANÁ DAS TIPOGRAFIAS, PARANÁ DAS LETRAS: elementos para uma história da cultura escrita no Paraná

Sílvia Gomes Bento de Mello*

RESUMO: Este artigo trata de problematizações acerca de transformações ocorridas na imprensa do Paraná entre meados do século XIX e o início do século XX. O processo mais importante a ser aqui tratado refere-se a uma mudança nos usos da escrita no período em questão: observa-se uma migração de um uso político e administrativo para um uso jornalístico e literário efetivando um processo de *livre circulação da palavra*. A este processo está implicado transformações nas possibilidades técnicas de impressão e nos processos de profissionalização dos meios gráficos.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; Escrita; Modernidade; Periódicos.

Paraná of typographies, Paraná of letters: elements for a history of written culture in Paraná

ABSTRACT: This article deals with problematizations about transformations that occurred in the Paraná press between the middle of the 19th century and the beginning of the 20th century. The most important process to be treated here refers to a change in the uses of writing over the period in question: there is a migration from political and administrative use to journalistic and literary use, resulting in the implementation of a process of *free circulation of the press*. This process implies transformations in the technical possibilities of printing and in the processes of professionalization of graphic media.

KEYWORDS: Press; Writing; Modernity; Periodicals.

Paraná de lastipografía, Paraná de las letras: elementos para una historia de la cultura escrita en Paraná

RESUMEN: Este artículo trata sobre problematizaciones acerca de transformaciones ocurridas en la prensa de Paraná entre mediados del siglo XIX y comienzo del siglo XX. El proceso más importante a ser discutido aquí se refiere a un cambio en los usos de la escritura en el período en cuestión: se observa una migración de un uso político y administrativo para un uso periodístico y literario efectuando un proceso de *libre circulación de la palabra*. A este proceso está involucrado transformaciones en las posibilidades técnicas de la impresión y en los procesos de profesionalización de los medios gráficos.

PALABRAS CLAVE: Prensa; Escrita; Modernidad; Periódicos.

*Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é professora Adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Departamento de História, campus de Guarapuava/Paraná. Contato: Rua Salvatore Renna, 875, Santa Cruz, CEP: 85.015-430, Guarapuava-PR, Brasil. E-mail: silviagbmmello@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2493-4484>.

O processo de instauração da República, no Brasil, se deu enraizado a uma ampla discursividade em torno da modernidade, marcando o desejo de instalação de uma temporalidade regida pela racionalidade e pela superação do que era entendido como *atrasado* ou *tradicional*¹. Isto ecoava, certamente, um ideário que marcava o mundo ocidental. Neste contexto, o incremento da palavra escrita – especialmente atrelada à imprensa – ganha ênfase: com efeito, a estruturação dos meios jornalísticos torna-se maneira de viabilizar a modernidade desejada. Afinal, tais meios se materializam como um instrumento da promoção de princípios bastantes caros à modernidade, tais como a universalidade e os signos de civilidade. Neste artigo, apresento considerações a respeito do florescimento da imprensa no Paraná no bojo do processo republicano, circunscrevendo implicações desta modernidade nesta região do sul do Brasil. Tal problemática se insinua na tabela a seguir, retirada de uma edição especial da revista curitibana *O Sapo*, publicada em maio de 1900. A tabela em questão indica as publicações (jornais e revistas) que haviam sido lançadas no Paraná desde a fundação da Província, em 19 de dezembro de 1853.

Tabela 1: Jornais e revistas publicados no Paraná (1854-1900)

Jornais		Revistas	
publicados no Paraná (1854-1900) CURITYBA			
1 O Dezenove de Dezembro	1, 4, 1854	28 O Passaro Azul	3, 1883
2 O Jasmin	20, 9, 1857	29 O Artista	3, 1883
3 Correio Oficial	19, 2, 1861	30 O Imparcial	10, 6, >
4 O Mascarado	30, 9, >	31 O Diluculo	13, 6, >
5 O Clarim	>	32 A Mocidade	8, 7, >
6 Estôla Gato	7, 6, 1866	33 Jornal do Commercio	9, >
7 O Paraná	1869	34 O Patriota	5, 12, >
8 Iris Paranaense	19, 10, 1873	35 O Realismo	>
9 O Constitucional	>	36 O Vagalunie	>
10 25 de Março	25, 3, 1876	37 Curitiba	>
11 Provincia do Paraná	>	38 O Vigilante	>
12 Revista da Associação Paranaense	>	39 Cruz Machado	1984
13 A Gazeta Paranaense	>	40 Gazeta de Curitiba	5, 1885
14 O Paranaense	9, 12, 1877	41 Folha do Paraná	10, 6, >
15 O Diabo Azul	2, 6, 1878	42 O Movimento	>
16 O Gaúcho	18, 10, >	43 A Republica	15, 3, 1886
17 A Infancia	>	44 Echo Paranaense	21, 10, >
18 O Reverbero	1, 11, 1879	45 Der Erzuchlet	>
19 Estado do Paraná	>	46 A Farpa	21, 4, 1887
20 Revista Paranaense	15, 1, 1881	47 Deutsche Volkszeitung	14, 7, >
21 Der Pionier	12, 6, >	48 Vida Litteraria	20, 7, >
22 O Liberal	1, 9, >	49 A Opinião	5, 8, >
23 A Reforma	10, 9, >	50 Revista do Paraná	23, 10, >
24 A Verdade	>	51 Diario Popular	3, 11, >
25 A Evolução	>	52 Deutsche Blätter	>
26 O Porvir	14, 6, 1882	53 A Lucta	>
27 Deutsches Wochenblatt	23, 12, >	54 A Arte	4, 3, 1888
		55 Sete de Março	24, 4, >
		56 O Trovão	10, 5, >
		57 Brazil Livre	8, 7, >
		58 A Ideia	1, 10, >
		59 A Galleria Illustrada	20, 11, >
		60 O Paraná	>
		61 O Diabinho	>
		62 O Santelmo	>
		63 Der Beobachter	1, 1, 1889
		64 Dynamite	3, 3, 1889
		65 O Guaycurú (alemão illustrado)	3, >
		66 Sete de Maio	7, 5, >
		67 A Tribuna	13, 7, >
		68 O Progresso	14, 8, >
		69 Quinze de Novembro	24, 11, >
		70 O Cruzeiro	29, 12, >
		71 A Mocinha	>
		72 A Luz (orgão spirita)	15, 1, 1890
		73 Club Curitybano	16, 1, >
		74 A Vida Escolar	10, 3, >
		75 Diario do Paraná	21, 4, >
		76 Revista Espirita	25, 10, >
		77 Unterhallungsblatt	>
		78 Diario do Commercio	1, 1, 1891
		79 O Guarany (illustrado)	21, 1, >
		80 Operario Livre	13, 2, >
		81 O Povo	10, 3, >
		82 Correio Oficial	7, 6, >
		83 Carnaval Zeitung	>
		84 Deutsche Post	16, 1, 1892
		85 A Federação	6, 2, >
		86 O Democrata	19, 4, >
		87 O Domingo	22, 5, >
		88 L'Italia	25, 6, >
		89 A Voz do Povo	28, 8, >
		90 O Futuro	4, 9, >
		91 XX de Setembro	20, 9, >
		92 O Artista	3, 10, >
		93 Gazeta Polska w Brazylie	15, 10, >
		94 Correio de Debates	23, 10, >
		95 A Semana	1, 1, 1893
		96 Folha Nova	15, 1, >
		97 Die Mosquite	12, 2, >
		98 Carneval-Anzeiger Thalia	12, 2, >

Tomaremos esta tabela como o ponto de partida das formulações deste texto². Através dela, é possível colocar em questão, a maneira como as décadas em torno da virada do século vivenciaram um processo de fortalecimento da palavra escrita no Paraná. De fato, os periódicos – alvos da tabela em questão – constituíam o meio mais forte e mais comum de atribuir corpo às ideias e materialidade às palavras e um rápido passar de olhos sobre a listagem de jornais e revistas e seus respectivos anos de lançamentos, já permite inferir o significativo crescimento dos meios gráficos no momento em questão.

De acordo com a tabela, desde a fundação de *O Dezenove de Dezembro* – primeiro jornal do Paraná, surgido logo após a emancipação da Província –, 179 títulos haviam sido lançados na capital. Tratava-se de periódicos com as mais diversas especificidades: jornais ou revistas; folhas ilustradas e requintadas ou em papel barato e sem grandes refinamentos gráficos; edições diárias, semanais, quinzenais ou mensais; que duraram longos anos ou que desapareceram depois dos primeiros números; ligadas a clubes e associações ou patrocinadas por homens endinheirados; de arte ou de caráter esotérico, combativos ou de variedades; fruto de iniciativa de imigrantes, operários, estudantes ou literatos. Enfim, as características que tomaram os periódicos poderiam se multiplicar aqui. O que interessa, no entanto, é o potencial deste conjunto de publicações de caracterizar a proliferação dos suportes da escrita e da própria prática da escrita no Paraná.

Sendo assim, a própria presença da tabela em questão parece nada ter de despreziosa: engrossava um propósito flagrante de comemorar os progressos das letras paranaenses – o crescente número de escritores, de publicações, de tipografias, de profissionais vinculados aos meios gráficos e de variedade de técnicas de impressão denotam que a palavra escrita ganhava força no Paraná. E isto se tornava evidente justamente naquela virada de século: as últimas duas décadas do século (1881-1900) concentraram a maior parte dos lançamentos – quase 160 novos títulos teriam surgido em Curitiba neste período, enquanto nos primeiros vinte anos da instalação da Província (1854-1874) menos de 10 periódicos lá teriam aparecido. É patente um *aquecimento* dos meios tipográficos a partir dos anos mais avançados da segunda metade do XIX, momento em que as letras disseminavam-se vigorosamente e eram investidas de uma ênfase inédita. Em certas localidades litorâneas e do interior verifica-se igualmente uma proliferação de periódicos denotando a importância que estes veículos tomavam em uma/um Província/Estado que se modernizava.

O presente texto tratará, justamente, desse fortalecimento da palavra escrita operado no Paraná, nos prelúdios da República. De como a disseminação de periódicos foi constitutiva

deste processo: a história da imprensa, antes de ser apenas a história de um desenvolvimento técnico, carrega em si as relações com a escrita, seu lugar numa determinada organização social. De como, embutido à disseminação e ao fortalecimento da escrita, havia um processo de modernidade se instalando no Paraná, especialmente em Curitiba, que se materializava na aceleração do tempo, na premência de novidade e de circulação de notícias, na ânsia pela escrita, na necessidade de profissionais e maquinários.

Livre circulação da palavra

A formação de um Paraná moderno, republicano, foi perpassada pelo crescimento do lugar das letras entre os paranaenses: o desenvolvimento do serviço gráfico, a fundação de bibliotecas e livrarias, o fomento educacional e o aumento do número de leitores, o alargamento do número de escritores, o aparecimento de círculos literários e de clubes de leitura foram elementos constitutivos da modernidade que se gestou no Paraná – especialmente em Curitiba. Reverberava, no desenvolvimento da escrita no Estado, um conjunto mais amplo de projetos e ideários muito típicos da 1ª República, ancorados em valores de modernidade e civilidade³. No que tange a imprensa, ressalta-se que a sua instalação no Paraná – em princípios de 1854 – já trazia como motivação um desejo de modernidade: Zacarias de Góes e Vasconcellos, primeiro presidente da Província, determinou a fundação de uma tipografia tão logo assumiu o governo do Paraná. Esta foi fundada por Cândido Martins Lopes, que já trabalhava no serviço tipográfico em Niterói⁴.

A imprensa era tida como fundamental, naquele contexto, por ser uma peça importante na gerência governamental da Província: assim, os serviços tipográficos garantiriam a impressão dos documentos de governo (relatórios, leis, anais), bem como a edição de um periódico que possibilitasse organizar e informar o que acontecia na capital da Província e, principalmente, publicar os atos e resoluções do governo. Um jornal daria ainda, às comunidades de um vasto território, sob o domínio da administração provincial, conhecimento daquilo que se decidia nos gabinetes dos homens de governo; informaria às Câmaras das várias localidades paranaenses por ele alcançada, o que se regulamentava em Curitiba; e daria notícias sobre o Paraná a outras partes da Nação. Sendo assim, em 1º de abril de 1854, a *Tipografia Paranaense* lança o seu primeiro periódico, *O Dezenove de Dezembro* (que em abril de 1855 passa a ser chamar apenas *Dezenove de Dezembro*), cujo programa era:

informar o público do procedimento do governo da província, e das diversas autoridades dela, mediante a publicação de seus atos oficiais, apontar e discutir com a devida circunspeção as medidas que mais consentâneas forem ao engrandecimento da província, aceitando, nesse sentido, para dar à luz da imprensa, escritos e informações de quem quer que esteja no caso de os ministrar⁵

A publicação era, portanto, bastante atrelada ao governo e à gestão da Província. Sua função ligava-se à autonomia do governo: o *Dezenove de Dezembro* funcionava como uma voz do Estado, ou melhor, propalava a voz do governo, fazendo com que fosse *ouvida por qualquer um*. Assim, governar era um ato que se articulava e se fortalecia através da escrita. A escrita especializava, circunscrevia, ordenava os domínios do governo e da Província. Atribuía materialidade à administração do território, registrando as medidas, os planejamentos, as regulamentações que fariam do Paraná próspero e moderno. A palavra organizaria, conferiria um sentido inteligível ao Paraná e a vivência dos paranaenses, viabilizando a prática de governar. A Província se articulava politicamente em torno da palavra, e um governo moderno dependia da palavra, dependia da escrita. Nesse sentido, desde a fundação da Província, gestou-se um sentido de modernidade que se insinuava sobre a palavra e dependia dela para se estabelecer.

No entanto, se avançarmos para as décadas finais do século, nota-se que os domínios da palavra e da escrita haviam se ampliado e guardavam singularidades, novidades em relação a algumas décadas antes. De início, pode-se observar que nas décadas que sucedem a instalação da Província, outras instituições e estabelecimentos que se pautam ou promovem a escrita se estabelecem no Paraná. Mas, retendo-nos apenas na imprensa, salienta-se que o próprio serviço tipográfico foi incrementado e diversificado: dezenas de publicações, com as mais variadas características haviam surgido no Paraná, intensificando um processo que *O Dezenove de Dezembro* havia inaugurado – o da ampliação da circulação da palavra. De fato, com a imprensa, a palavra não mais ficava circunscrita a círculos restritos, intervindo em antigos ordenamentos e hierarquias no uso da palavra.

A tabela publicada pela revista *O Sapo* – aquela que, na virada do século organizou os títulos dos periódicos que haviam surgido no Paraná desde os primeiros tempos provinciais – nos ajudou a circunscrever o *boom* experimentado pela imprensa paranaense a partir dos anos de 1880. De fato, a partir desta década houve um acréscimo considerável no número de títulos de publicações a circular no Paraná. Outra questão que se observa, nesta tabela, é o aumento crescente de revistas de artes, literatura, entretenimento e variedades, diferenciando-se de publicações de cunho noticioso, como o *Dezenove de Dezembro*, por exemplo. Com efeito, o

que se percebe é que, apesar dos jornais não desaparecerem (e nem perderem sua importância na circulação de notícias e no ordenamento do governo), as citadas revistas multiplicavam-se. Muitas delas tinham vida efêmera, dado as dificuldades financeiras de manter esse tipo de publicação e a baixa vendagem. No entanto, o que se observa no conjunto dessas publicações é que elas são decisivas na formação de um novo regime de escrita, pois elas arrancam, definitivamente, a escrita da exclusividade da esfera governamental, da função administrativa.

Assim, uma marca indelével da 1ª República foi o fortalecimento da escrita – um fortalecimento voltado para a *livre circulação da palavra*; escritas sem destinatário, que poderiam ser lidas por *qualquer um*. Com efeito, escrever, não apenas para seus pares, mas para *qualquer um*, significava um passo decisivo para a constituição de um Paraná marcado pela proliferação da palavra, um Paraná moderno. Diferentemente de publicações como *O Dezenove de Dezembro* que, apesar de guiadas pelo propósito da *livre circulação*, tinham sua função muito bem estabelecida (qual seja, a de informar sobre a administração paranaense), os periódicos que primavam por difundir textos literários ou de variedades, marcavam a percepção de que a palavra escrita prescinde de função. Sua força estava, justamente, na forma como *livre circulavam*: de acordo com Jacques Rancière (1995), a literatura moderna (ou antes, o uso moderno que se faz da palavra) é marcada pelo desvio da palavra da sua função comunicativa. Dito de outra maneira, não é preciso ter algo a dizer para se escrever, *qualquer coisa* pode transformar-se em motivo literário: “*escrever um livro a respeito de nada*’ é isto: *transformar qualquer coisa, qualquer não sentido em expressão transparente de uma idéia dentro de sua matéria*” (RANCIÈRE, 1995: 91).

O fortalecimento da imprensa foi imprescindível para garantir que a escrita rolasse livremente, chegando a *qualquer um*: a possibilidade técnica de reproduzir indefinidamente um dado escrito amplia o número de leitores, dando a palavra escrita um novo estatuto na ordem social. Promovendo uma maior democratização no acesso às letras, participando do processo de modernização do Paraná. A partir das últimas décadas do século XIX, especialmente, uma nova ordem de impressos começa a se propalar, ocupando-se de novos temas, novas questões, questionando antigas funções das palavras, instituindo novos lugares para aqueles que as produziam ou liam. Os periódicos de literatura e variedades foram agentes dessa mudança de paradigma, conforme previamente proposto. Podemos percebê-la também na tendência que se esboçou, entre o final do século XIX e início do XX, de publicação (seja em forma de livro, seja em artigos para revistas) de experiências de expedições pelo interior paranaense.

Desde antes da instalação da Província, a região que era então a 5ª Comarca de São Paulo já recebia viajantes e expedicionários. Contudo, após a fundação do Paraná, o interior da Província se torna alvo de expedições de militares, engenheiros – via de regra enviados pelo próprio governo, a fim de *descobrirem* o interior. Pois bem, de regresso a capital, o expedicionário encaminhava ao governo um relatório técnico de sua expedição. Esses relatórios eram instrumentos que viabilizavam o governo do Paraná: através deles, pensava-se sobre a Província, projetava-se seu futuro. Ratificava-se, assim, a gestação de uma racionalidade no governo do Paraná. Nas décadas finais do século XIX, as experiências de viagens e expedições pelo interior paranaense passam a gerar novas escritas: narrativas de viagem, publicados em revistas ou em forma de livro, destinados a serem lidos por *qualquer um*. Alargava-se, assim, a partilha de discussão e compreensão do Paraná. Instaurava-se uma nova ordem no uso e na circulação da palavra: agora, conhecer o Paraná e saber sobre a vida que transcorria longe da capital não era mais uma prerrogativa dos homens de governo; a escrita desviava-se da sua função administrativa.

Salienta-se que vários desses escritos originaram-se de expedições enviadas pelo governo (neste caso, além de produzirem relatórios técnicos que encaminhavam para a burocracia governamental, escreviam relatos destinados a circular fora daquela esfera), outros tantos de iniciativas particulares. Era grande a curiosidade a respeito das regiões longínquas e diferentes da Curitiba que se modernizava. A respeito da flora, da fauna, dos povos, das paisagens. Por isso, talvez, esse tipo de viagem e de escrita tenham vigorado entre os paranaenses por longos anos, desde as décadas finais do século XIX até as três primeiras décadas do século XX⁶. Um olhar atento sobre o conjunto desses escritos faz perceber que eles têm uma historicidade própria, um movimento singular, que aponta para a desvinculação do *poder dizer sobre o Paraná*, da esfera pública e para o alargamento daqueles que podem ter acesso ao que era dito, produzido sobre o Paraná.

Assim, engrossava-se a movimentação da *livre circulação da palavra*: as narrativas de expedições pelo Paraná ganhavam características literárias ao voltarem-se para um público amplo e indeterminado, podendo circular por *qualquer parte* e chegar a *qualquer um*. Na medida em que se ampliava a movimentação da palavra, que ela era escrita e propalada em veículos que circulavam por espaços indeterminados (diferentemente dos documentos públicos que ficavam restritos a esfera administrativa), que se fundava tipografias, litografias e periódicos configurava-se um novo regime de escrita. Marcado, pela crença na força das

palavras, pela *livre circulação* da escrita, pela expansão no acesso à palavra (tanto para quem lia, quanto para quem escrevia), pelo fortalecimento da literatura.

Nesse sentido, a modernidade não estava vinculada apenas ao surgimento de determinadas instituições que cultivassem as letras: havia certas escritas que encarnavam o sentido de modernidade que se queria conferir ao Paraná. Tal como as escritas *abertas*, prontas para serem lidas por *qualquer um*. Assim, o jornalismo e a literatura (aqui incluo as narrativas de viagens) ganhavam força, pois encarnavam, como nenhum outro gênero, o afã da escrita sem destinatário. Eram escritas que traziam consigo um certo ar de cosmopolitismo, circulando por mãos indeterminadas em espaços urbanos que se constituíam cada vez mais como meios de agitação e burburinho de pessoas e do anonimato. O jornalismo e a literatura sintetizavam, de fato, ânsias e necessidades modernas: minimizavam as distâncias entre as pessoas e as regiões; aproximavam o Paraná de outras localidades, pois com a agilização das comunicações, lá chegavam jornais, revistas e livros produzidos em outras regiões – o que influenciavam amplamente os escritores e profissionais dos meios gráficos paranaenses; e participavam da gestação do sentido de modernidade que se materializava na Província/Estado.

Paraná tipográfico

A década de 1880 foi angular para a imprensa paranaense. Neste período, o número de publicações editadas em Curitiba experimenta um crescimento expressivo e localidades como Castro, Lapa, Campo Largo e São José dos Pinhais passam a ter periódicos próprios (antes da década em questão, apenas localidades litorâneas – Paranaguá, Antonina e Morretes – tinham órgãos de imprensa)⁷. Trata-se de um período em que a imprensa está se estruturando em termos provinciais e isto implica, por vezes, em uma circulação de profissionais entre redações ou oficinas. Estes acontecimentos foram, certamente, significativos para o fortalecimento da imprensa e para a envergadura que esta adquirirá nas primeiras décadas republicanas.

De fato, a imprensa da 1ª República tinha bem constituída sua diversificação: conforme previamente assinalado, no final do século XIX (décadas de 1880 e 1890, especialmente) os periódicos tendem a desviar-se de suas funções informativa e administrativa, experimentando novos usos para a palavra escrita. Multiplica-se, então, os títulos e os gêneros de publicações: lançam-se periódicos esotéricos, humorísticos, literários; ligados a associações de estudantes, operários, intelectuais. Era a *livre circulação da palavra*,

operando através da diversificação das publicações; era a constituição de um regime de escrita em que *qualquer um* poderia escrever, *qualquer um* poderia ler, *qualquer coisa* poderia ser escrita. Com efeito, uma tônica da modernidade que ganha corpo na República é, justamente, a força e a presença que a escrita adquire. Uma força diferente daquela que ela havia adquirido por ocasião da instauração do Paraná enquanto Província: em tempos provinciais, a força da palavra estava atrelada a sua representatividade, a sua correspondência com governo e com as questões governamentais e o seu cunho informativo; em tempos republicanos, a força da palavra residirá na sua capacidade de *livre circulação*, desvinculando-se de funções e do exclusivismo de locutores ou interlocutores.

Os anos de 1880 foram emblemáticos na constituição dos *usos da palavra* que vingará com força na República. Isso também se deveu ao surgimento e ao incremento de estabelecimentos gráficos, ou que lhe davam suporte. Aliás, a *livre circulação da palavra* se tornou possível, em boa medida, pela existência de suportes técnicos que lhe viabilizasse. A introdução do primeiro prelo mecânico⁸ em Curitiba (que começou a funcionar em abril de 1880), por exemplo, foi fundamental para diversificar e agilizar a produção. O responsável por isto foi o dentista Luis Antonio da Silva Coelho, que mudou-se para o Paraná na década anterior e fundou a *Pêndula Meridional*, primeira livraria de Curitiba, em 1876. Natural do Rio de Janeiro, onde freqüentara rodas literárias e era amigo de livreiros e editores, Luis Coelho era um homem interessado nas letras e no jornalismo, com os quais continua envolvido no Paraná. Inclinado às novidades e à inovação, Luis Coelho consegue, com o prelo mecânico, dar um impulso significativo ao volume de impressos produzidos em Curitiba. Foi a introdução deste equipamento que permitiu, por exemplo, que o *Dezenove de Dezembro* tivesse edições diárias a partir de 1884.

Percebe-se, assim, a importância da técnica na efetivação da *livre circulação da palavra*. A técnica aliava-se, ainda, às necessidades de uma capital que se transformava, que crescia em número de habitantes e tinha a sua estrutura urbana modificada. Luis Coelho enxergava, certamente, neste crescimento e nestas transformações, o prenúncio de um mercado que se abria para o alargamento da produção gráfica no Paraná, para a introdução de novos títulos e novas técnicas de impressão. Empolgado com as perspectivas de publicação que se acenavam – apesar de todas as limitações técnicas, financeiras e de público que marcavam o Paraná –, Luis Coelho funda, ao lado de intelectuais, escritores e poetas, a *Revista Paranaense*. Lançada em junho de 1881, tal revista tinha por peculiaridade tratar de

temas diversos (ciências, artes, literatura, filosofia, política), em um modelo que constituía uma verdadeira novidade para Curitiba.

Inovando na apresentação e na proposta, a *Revista Paranaense* constitui uma publicação tida como *moderna*, o que estava afinado com o ambiente que se montava em Curitiba. De fato, Luis Coelho trazia consigo uma vivência no trabalho em jornais e revistas, capaz de revigorar os meios gráficos paranaenses. Assim, no final da década em questão, lança duas novas importantes publicações: *A Revista do Paraná* (1887) e *A Galeria Ilustrada* (1888-1889), que mantinham a proposta de periódicos de variedades, no entanto, com uma estruturação diferenciada. Eram revistas ilustradas e que só foram possíveis graças às primeiras atividades litográficas que se desenvolveram no Paraná. Para tanto, Luís Coelho convidara Narciso Figueiras, um litógrafo catalão residente na Corte e que conhecera nas rodas intelectuais carioca, para trabalhar em Curitiba. Aceitando o convite e juntando suas economias, Narciso Figueiras investe na estrutura necessária para montar a primeira oficina litográfica do Paraná, a *Litografia do Comércio*, em 1884.

Narciso Figueiras foi, nos anos de 1880, uma figura decisiva nos meios gráficos paranaenses. Sua litografia prestava serviço para estabelecimentos tipográficos como a *Tipografia da Viúva Lopes/Impressora Paranaense* (a tipografia da família Lopes torna a ter seu nome modificado em 1888, passando a se chamar *Impressora Paranaense*) e a *Tipografia Pêndula Meridional* (que pertencia a Luis Coelho). Foi o responsável pelos primeiros trabalhos de litografia que apareceram em publicações paranaenses e fez a gravação litográfica de iconografias referentes ao Paraná, consideradas posteriormente documentos preciosos, muitas das quais tiveram seus originais extraviados. *A Revista do Paraná* e *A Galeria Ilustrada* foram espaços privilegiados para o trabalho de Narciso Figueiras, bem como o de Luis Coelho: nessas publicações, encontravam-se textos e imagens variados, primando pela ciência, pela arte e pela política; *A Galeria Ilustrada*, em especial, caracterizou-se por publicar textos de crítica literária, poesias, atualidades, e que cultivavam valores tipicamente republicanos como o trabalho, a liberdade, o progresso, a educação, além de charges, reproduções de pintores europeus, desenhos de paranaenses.

Inaugurava-se, assim, publicações que marcavam o encontro entre a letra e a imagem, entre a cultura tipográfica e a iconográfica. Publicações que explicitavam, na sua própria materialidade, as questões referentes à consolidação das artes gráficas e os contornos de uma arte que se constituía através do trabalho técnico. Nesse entrecruzamento entre técnica e arte constituía-se algo novo: desestabilizava-se uma velha hierarquia que estabelecia a supremacia

da palavra sobre a imagem; da escrita sobre a ilustração. Nas publicações em questão, eram as litografias que faziam o diferencial, que lhe davam identidade, o que propõe que houvesse uma maior igualdade entre as duas linguagens. Este encontro e esta igualdade apontam para uma modernidade artística que se constituía no Paraná e que marcava o rompimento com o regime representativo, ou seja, com a concepção de correspondência entre palavra e imagem. De fato, a arte moderna distancia-se da concepção de que sua tarefa fosse representar o mundo como reflexo, como imitação de um ideal, colocando-se na esfera da criação e da invenção⁹.

Uma concepção de arte renovada, pronta para questionar hierarquias de suportes, gêneros, linguagens e temas se realizava, assim, nas publicações ilustradas: estas são um bom exemplo de como a fusão daqueles elementos foi decisiva para a constituição de uma arte não mais guiada pelo princípio representativo. Mais do que isto, aponta para a elaboração de um sentido de modernidade que marcará as décadas subseqüentes: uma escrita que entrelaçava arte, política e ciência. Revistas como a *Revista do Paraná*, *A Galeria Ilustrada*, bem como a *Revista Paranaense* apontavam para um modelo de publicação que se perpetuará na 1ª República. Outras revistas de variedades surgirão posteriormente, como a *Azul* (1900), *Breviário* (1900), *Club Curitibano* (1890-1913), *Esphynges* (1899-1906), *Pallium* (1898-1900), *A Penna* (1897), *Stellário* (1905-1906), entre tantas outras. Todas essas, publicações com uma estruturação *moderna*, voltadas para a cultura e o entretenimento, trazendo temas variados e sintonizadas com a civilidade republicana que se instalava em Curitiba. A *livre circulação da palavra* e a aliança entre escrita e a imagem rompiam, então, com antigos usos da palavra.

De fato, a elaboração de uma linguagem gráfica moderna ocorreu concomitantemente a transformações na estruturação editorial. Caracterizando um processo que abarca, por exemplo, a já citada ampliação da circulação de periódicos, as transformações nas propostas das publicações, o entrecruzamento de linguagens na folha impressa. Acrescenta-se aí a introdução da propaganda na imprensa do início do século XX: manifestação tipicamente moderna que barateava o custo dos periódicos, sintonizava as publicações paranaenses com a tendência das publicações mais modernas do país e também incrementava a realização do entrecruzamento de linguagens. A introdução de novas técnicas na imprensa paranaense implicou ainda na diversificação dos trabalhos realizados pelas empresas gráficas.

Assim, em 1888, Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul, que era o maior produtor de erva-mate do Paraná, torna-se sócio da antiga *Tipografia Paranaense*, que passa a

se chamar então, *Impressora Paranaense*. Seu interesse por esse ramo de atividade veio da necessidade de aprimorar o invólucro que envolvia a erva-mate: para atender às exigências da importação, o velho surrão de couro que costumava envolver o produto, foi substituído pela barrica de pinho, com a identificação do fabricante e do importador. Assim, considerando incipientes as técnicas gráficas existentes no Paraná, Ildefonso Pereira Correia decide investir na expansão do serviço gráfico e na criação de uma divisão litográfica na empresa que fora de Cândido Lopes – este falecera em 1871 e seu filho, Jesuíno Lopes, ocupava-se dos negócios da família. Dedicada amplamente à produção de rótulos para identificar a erva-mate produzida no Paraná – ainda que não deixe de investir em outros trabalhos gráficos – os primeiros impressos produzidos na *Impressora Paranaense* eram monocromáticos e carregavam apenas as informações requeridas para formalizar a exportação.

Contudo, a produção foi rapidamente incrementada com o desenvolvimento das técnicas da policromia – ressalta-se que, até então, o que se encontrava nas publicações paranaenses (especialmente nas revistas ilustradas) eram iconografias em preto e branco, de forma que a produção de rótulos para erva-mate foi um marco no processo gráfico paranaense. Outro ganho para a produção iconográfica da *Impressora Paranaense* foi a contratação do litógrafo espanhol Francisco Folch, iniciativa de Ildefonso Pereira Correia¹⁰. Segundo Newton Carneiro,

É a Folch que se deve grande parte do renome que laureou a produção curitibana e tão lisonjeiras impressões inspirou, em 1897, aos visitantes da Exposição Industrial do Rio de Janeiro¹¹.

De fato, o nível técnico da imprensa paranaense, especialmente no que concerne à litografia, não ficava aquém de outros centros do país. Francisco Folch marcou não apenas as transformações técnicas pelas quais passou a imprensa no final do século XIX, mas foi também uma figura forte nas décadas iniciais do século seguinte. Preparou muitos técnicos para o trabalho na imprensa e, em 1902, tornou-se dono da *Impressora Paranaense*: depois da morte do Barão do Serro Azul (1894), sua esposa manteve o negócio por alguns anos, mas acaba se desfazendo dele, vendendo-o para Francisco Folch.

Tornando-se profissional da palavra

A carência de mão-de-obra especializada era uma tônica dos primeiros tempos paranaenses, sentida em vários setores da vida provincial: criara-se uma Província cuja autonomia precisava ser construída não apenas em termos políticos, mas também nos serviços

e na confecção dos mais diversos utensílios e instrumentos. Assim, a estruturação das artes gráficas no Paraná do século XIX se deu na dependência da vinda de profissionais com experiência em centros maiores e da formação de novos profissionais nas oficinas de tipografia e litografia paranaenses, além da importação do maquinário necessário à imprensa. Pensar na estruturação do serviço gráfico no Paraná é lembrar de figuras como Cândido Lopes, Luis Coelho, Narciso Figueiras, Francisco Folch que chegaram em Curitiba com a experiência de ter trabalhado em imprensas mais adiantadas que a paranaense e contribuíram largamente para a formação e a consolidação deste setor no Paraná.

Contudo, a formação de profissionais para trabalharem no serviço gráfico contou também com a *Escola de Belas-Artes e Indústrias*, um estabelecimento fundado pelo artista plástico português Antonio Mariano de Lima (que viera para o Paraná contratado para decorar o teatro São Teodoro¹²). A escola, que durou vinte anos (1886-1906), foi concebida como um espaço onde se pudesse estudar pintura, escultura, música e artes industriais. Integrava, assim, a ânsia de se constituir um Paraná moderno: as artes são, certamente, um dos grandes emblemas da civilização. No que concerne às artes industriais, salienta-se a sua importância para a efetivação da imprensa no Paraná: oferecendo cursos de tipografia, litografia, desenho aplicado e encadernação, a escola formava profissionais requeridos pela imprensa. De fato, a *Escola de Belas-Artes e Indústrias* vigora em um momento em que as atividades gráficas estão a pleno vapor no Paraná, respondendo por uma demanda local já estabelecida. Ao mesmo tempo em que se criava a oportunidade de acesso a uma profissão cujos postos de trabalho estavam em ascensão, incrementava-se a qualidade técnica e de criação das publicações paranaenses.

A escola estimulou, por exemplo, a criação da oficina litográfica de Alfredo Hoffmann, que embora contasse com uma estrutura modesta, tinha uma boa equipe de tipógrafos e um litógrafo vindo da Alemanha. Fazendo também serviço de encadernação, pautação, douração, carimbo, gravura em metal¹³. Foi também decisiva para os progressos experimentados pela *Impressora Paranaense*, pois dela se recrutava novos trabalhadores, já com um certo traquejo profissional e que, estudando a técnica de policromia – desconhecida até então no Paraná – e desenvolvendo técnicas de desenho, foram fundamentais para a impressão dos rótulos de erva-mate. Salienta-se que o aumento de estabelecimentos de tipografia e litografia, da atividade gráfica e, sobretudo, de técnicos para trabalharem nessa área foi tão significativo a partir dos anos de 1880, que tais profissionais começaram a se pensar como classe, com interesses e identificações comuns: “*alcançara tão elevada*

*expressão a atividade, que já se consideram os tipógrafos suficientemente numerosos e prestigiados para criar órgão de classe, a que deram o nome de 'AGREMIÇÃO TIPOGRÁFICA'*¹⁴.

De fato, uma imprensa de qualidade requeria profissionais bem qualificados. E as tipografias e litografias paranaenses constituíram em espaços de profissionalização. Com a *Agremiação Tipográfica* percebe-se que os trabalhadores gráficos começavam a se reconhecer enquanto profissionais e enquanto categoria e a se inserirem em uma lógica moderna de trabalho. O ritmo técnico e acelerado, o trabalho nas máquinas e a premência dos prazos para colocar os periódicos na rua propunham que Curitiba se movimentava em direção ao vibrante mundo da modernidade Ocidental, especialmente nas duas primeiras décadas do século XX, quando se multiplica o número de empresas gráficas no Paraná¹⁵. A efetivação do serviço gráfico no Paraná esteve ligada, conforme se vem apontando, a uma melhora técnica e a formação de profissionais para trabalharem nas oficinas tipográficas e litográficas. Há, no entanto, outros requisitos para a efetivação da imprensa: a existência de pessoas que escrevam conteúdos para serem publicados nos periódicos, por exemplo, é fundamental neste processo.

Assim, observa-se também, nos albores da República, um processo de profissionalização daqueles que trabalhavam no jornalismo. Dedicar-se exclusivamente à escrita e à editoração de periódicos tornava-se, pouco a pouco, uma possibilidade. Contudo, esse foi um processo longo, que não se efetivou em uma única geração. No que concerne aos últimos quinze anos do século XIX, aproximadamente, (ou seja, período de modernização da imprensa e que as letras se disseminavam com mais vigor, desvinculadas do exclusivismo do meio burocrático) nota-se que diversos profissionais que se engajavam nas lidas da imprensa se ocupavam das várias etapas de produção de um periódico: estavam presentes nas oficinas, nas redações, assinando artigos e, até mesmo, produzindo charges e ilustrações¹⁶. O que se salienta aí é, justamente, como o jornalismo atraía adeptos, homens que queriam trabalhar na efetivação dos periódicos. Homens que, apesar do seu engajamento com escrita, viram-se envolvidos com tudo quanto era necessário para colocar um periódico nas ruas.

Com efeito, fazer da imprensa um trabalho, um meio de sobrevivência, implicou primeiramente em também se ocupar da parte técnica e burocrática que envolve as publicações. Em um momento em que o Paraná se constituía intelectual e culturalmente, aqueles que lograssem viver de sua produção intelectual tiveram que se engajar em outros aspectos da prosperidade paranaense¹⁷. É assim que a história da cultura escrita no Paraná passou pelo estabelecimento e o fortalecimento da imprensa. E que, o fortalecimento da

escrita operado no princípio da República esteve vinculado a um amplo processo de modernização que se instaurava no Paraná e que tinha na escrita e na edição de periódicos, importantes elementos para se concretizar.

¹ Ressalta-se que, embora este artigo dê visibilidade a uma modernidade que se instaura a partir de um discurso hegemônico no mundo ocidental, que vincula a modernidade à civilização, à racionalidade e à superação do atraso, é válido salientar o quanto tal discurso foi planejador de diferenças e teve facetas profundamente excludentes, onde quer que ele tenha se estabelecido. Contudo, neste trabalho, a abordagem se alicerça na circunscrição da maneira como o incremento dos meios de imprensa no Paraná, nos albores republicanos, se constituíram no interior de uma discursividade ancorada nos emblemas da modernidade e, ao mesmo tempo, como a imprensa foi constitutiva desse processo de modernização em tal Província/Estado.

² Embora esta tabela seja emblemática para caracterizar a problemática deste artigo, é importante esclarecer que o desenvolvimento gráfico no Paraná, o crescimento numérico de periódicos, bem como a modificação das características das publicações paranaenses ao longo do período que se estende entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX foram verificadas a partir de uma gama muito maior de documentação, conforme se apontou no meu processo de doutoramento. Para além disso, é igualmente importante observar que a história das técnicas e das possibilidades de impressão são constitutivas da história do livro e da cultura escrita de uma maneira mais ampla: conforme infere Roger Chartier, “os textos não existem fora dos suportes materiais de que são os veículos” (CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002: 61-62). Neste sentido, o que guia a escrita deste artigo são leituras que problematizam a historicidade das técnicas de impressão e difusão das palavras – acreditando no seu vínculo para o entendimento, mais amplo, da história da escrita, tais como: CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/UNESP, 1998; CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. ABREU, Márcia. *Cultura Letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006; ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. [orgs.] *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das Letras, 2005. MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público contemporâneo: ensaios sobre História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Boitempo, 2015. EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

³ A respeito das relações entre produção intelectual e modernidade, ver: ABREU, MÁRCIA. Letras, Belas-Artes, Boas Letras. IN: BOLOGNINI, Carmen Zink. *História da Literatura: o discurso fundador*. Mercado das Letras, 2003: 11-69. [coleção Histórias de Leitura].

⁴ Cândido Martins Lopes, fechando o seu estabelecimento em Niterói, Cândido Martins Lopes funda a *Tipografia Paranaense*. Nos seus primeiros tempos, a tipografia tinha dificuldades de manter-se: os serviços prestados ao governo foram decisivos para que a tipografia continuasse a existir. Na década de 1870, após o falecimento de Cândido Lopes, o estabelecimento passa a se chamar *Tipografia da viúva Lopes*. Em 1888, o Barão do Serro Azul torna-se sócio da tipografia, que tem seu nome mais uma vez modificado: agora se chama *Impressora Paranaense*, marcada por tempos de significativa prosperidade e produtividade.

⁵ *O Dezenove de Dezembro*. Curitiba, 1º de abril de 1854. Anno I. N.º I. Pág. 1. Para facilitar a leitura, optou-se por atualizar a grafia das fontes utilizadas neste artigo.

⁶ Dentre as narrativas de viagem publicadas no Paraná no assinalado período, destaca-se: BORBA, Nestor. *Excursão ao Salto da Guaira ou Sete Quedas*. Rio de Janeiro: Casa de Mont'Alverne, 1897; MURICY, José Cândido da Silva. *Ligeira descrição de uma viagem de Guarapuava a Colônia de Foz do Iguacu em novembro de 1892*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1896. NASCIMENTO, José Francisco Thomaz do. *Viagem feita por José Francisco Thomaz do Nascimento pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, Província do Paraná, e relações que teve com os, mais bravios daqueles lugares*. IN: SALLES, Ana Luisa Fayet. Documentação sobre povos indígenas (séculos XVIII e XIX). Curitiba: Aos quatro ventos, 2000: 87-102. TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *Curiosidades Naturais da Província do Paraná*. IN: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo LIII. Parte I (1º e 2º trimestres). Rio de Janeiro: Tipografia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1890. TAUNAY, Alfredo. Pelos verdes campos (de Curitiba a Palmeira – 1886). IN: ABREU, Aluizio Ferreira. *Campos e Pinheirais*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995: 117-130. NASCIMENTO, Virgílio

Domingos do. *Pela Fronteira*. Curitiba: Tipografia d'A República, 1903. SANTOS, Nestor Victor dos. *A Terra do Futuro (impressões do Paraná)*. Rio de Janeiro: Tipografia do 'Jornal do Comércio' de Rodrigues & C., 1913. SILVEIRA NETTO, Manoel de Azevedo da. *De Guairá aos Saltos do Iguazu*. São Paulo: Edições da Companhia Editorial Nacional, 1914. BALLÃO, Jaime. *A Foz do Iguazu e as cataratas do Iguazu e do Paraná (descrição de viagem)*, 1920. Curitiba: Tipografia d'A Republicam 1921.

⁷ Segundo Rocha Pombo, sobre o aparecimento da imprensa fora de Curitiba: "Só dez anos mais tarde [do lançamento do Dezenove de Dezembro], em 1864, é que apareceu em Paranaguá 'O Povo', a 18 de agosto. Logo depois, em 1867, também ali se começou a publicar a 'Fênix', hebdomadário que fez época, pelo ardor com que se batia na arena dos partidos políticos. No mesmo ano de 1867, em junho, apareceu em Paranaguá a 'Imprensa Livre', e em 1870 o 'Operário da Liberdade', o qual também deixou tradições. Em ordem cronológica, foi sendo fundada a imprensa nestas localidades: em Antonina, em abril de 1872, com o aparecimento do 'Antonina'; em Morretes, com a publicação do 'Povo', em 1879; em Castro com a criação do 'Eco dos Campos, em 1883; na Lapa em 1887; em Campo Largo, também em 1887, com o Guaíra. Em regra, era muito curta a duração de quase todas essas publicações e muitas tinham existência efêmera". POMBO, José Francisco da Rocha. *Progresso Intelectual. Criação da imprensa*. IN: *O Paraná no Centenário: 1500-1900*. 2ª.ed. Rio de Janeiro/Curitiba: J. Olympio/Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980: 100.

⁸ A prensa mecânica foi inventada pelo alemão Friederich Koenig, em Londres, em 1811. O equipamento simplificou o processo de impressão, reduzindo-o de nove para três etapas. Era capaz de imprimir por hora quase o dobro de folhas que as prensas anteriores.

⁹ A respeito do encontro entre a cultura tipográfica e a iconográfica e de como esse encontro foi profícuo para a ruptura do paradigma representativo, ver: RANCIÈRE, Jacques. Da partilha do sensível e das relações que estabelece entre política e estética. IN: *A Partilha do Sensível: estética e política*. São Paulo: Exo Experimental/Ed. 34, 2005.

¹⁰ Sobre Francisco Folch, ver: CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. *Surto e desenvolvimento das artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: edições Paiol, 1975: 20-23.

¹¹ Idem: 20.

¹² O teatro São Teodoro foi uma iniciativa da *Sociedade Teatral Beneficente União Curitibaana*, com o apoio do governo do Paraná (interessado em dotar Curitiba de um teatro condizente com sua posição de capital de Província). As obras iniciaram em janeiro de 1874, em terreno doado pelo governo, na atual rua XV de Novembro. Devido a dificuldades financeiras, a *Sociedade Teatral Beneficente União Curitibaana*, entrega a obra para a Província terminar. O teatro foi inaugurado em 28 de setembro de 1884 e abrigava solenidades oficiais, comemorações de datas cívicas, bailes e espetáculos. Durante a Revolução Federalista (1893-1894), o teatro serviu de prisão e permaneceu fechado após o fim do conflito. Foi reformado e voltou a funcionar em 3 de novembro de 1900, com o nome de teatro Guaíra, em funcionamento até hoje. Ver: verbete TEATRO SÃO TEODORO. IN: *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. Curitiba: Chaim, 1991: 506-507.

¹³ Sobre a litografia de Alfredo Hoffmann, ver: CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. op.cit: 20.

¹⁴ Idem: 18.

¹⁵ Ver: Idem: 24.

¹⁶ Observando a biografia de homens que se engajaram no jornalismo no período em questão, percebe-se que era comum que começassem sua vida trabalhando na parte técnica da imprensa, como compositores-tipógrafos, litógrafos. Esse foi o caso, por exemplo, de Dario Vellozo, Silveira Netto (que foi, inclusive, aluno da Escola de Belas-Artes e Indústrias), Romário Martins.

¹⁷ Por outro lado, como bem caracteriza Flora Süssekind e se observa igualmente no âmbito paranaense, para o jornalismo se dirigiu a maior parte dos homens de letras no Brasil, na virada do século XIX para o XX e era essa atividade que oferecia melhores condições de tornar conhecidos os escritores e as suas produções. Sobre essa questão, ver: SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Referências

ABREU, Márcia. *Cultura Letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson [orgs.] *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

BOLOGNINI, Carmen Zink. *História da Literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. [coleção Histórias de Leitura]

CARNEIRO, Newton Isaac Silva. *Surto e desenvolvimento das artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Ed. Paiol, 1975.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger [org.]. *Práticas da Leitura*. 5ª ed. São Paulo: Edição Liberdade, 2011.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MOLLIER, Jean Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. [coleção História e Historiografia]

POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no Centenário: 1500-1900*. 2ª ed. Rio de Janeiro/Curitiba: J. Olympio/Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.

RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Boitempo, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: Estética e Política*. São Paulo: Exo Experimental/Ed. 34, 2005.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.